

A bissexualidade psíquica na constituição do sujeito: sobre suas origens e destinos identitários¹

Cláudia Aparecida Carneiro,² Brasília

Eliana Rigotto Lazzarini,³ Brasília

O presente trabalho propõe uma compreensão da bissexualidade psíquica no curso do desenvolvimento psicosssexual, objetivando investigar como esse fenômeno se inscreve nas origens da vida psíquica e modela os destinos identitários do sujeito. As autoras desenvolvem a ideia de que a bissexualidade se inscreve no psiquismo originário pela ação do objeto e participa tanto dos processos de subjetivação e de reconhecimento da diferença como também de seus impasses. Abordam o tema introduzindo aspectos teóricos da concepção freudiana do aparelho psíquico e dos modelos de Bion e Green sobre a formação dos primeiros traços do psiquismo, com destaque ao papel do objeto. Em seguida, tratam das formas da bissexualidade nos tempos do pré-genital, da travessia edípica e do genital adulto, conforme propostas por estudos contemporâneos. Resgatam a proposição de Green da figura do terceiro, que possibilita a inscrição de uma cena primitiva inaugural e abre caminho para a organização da bissexualidade. Ao final, apresentam argumentos teóricos para sustentar que a bissexualidade, em sua dupla referência ao masculino

¹ Este trabalho é derivado da dissertação de mestrado *Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito*, sob orientação da Prof^a Dr^a Eliana R. Lazzarini e defendida em 2017 no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.

² Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Psicóloga, psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

³ Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília, com Pós-Doutorado pela *Université Sorbonne Paris XIII*. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

e ao feminino, não deve ser vista como uma confusão de sexos, mas como um ordenador dos processos subjetivos que possibilita a coexistência de dois no psiquismo, em suas configurações singulares e plurais.

Palavras-chave: Bissexualidade psíquica; Diferença; Feminino; Masculino; Constituição psíquica; Subjetivação; Identidade

Introdução

O estudo da bissexualidade psíquica, mais do que tratar de um conceito freudiano, propõe uma investigação das relações que se estabelecem desde as origens da vida psíquica e marcam os destinos identitários do sujeito. Partindo da premissa de que a bissexualidade psíquica nos habita, este trabalho tem como objetivo investigar como esse fenômeno se inscreve no psiquismo originário pela ação do objeto e modela o destino do sujeito na dinâmica de suas identificações, fantasias e escolhas objetais.

Abordar a bissexualidade psíquica no contexto do debate contemporâneo sobre as diversidades sexuais e novas formas de identificação convida-nos a uma discussão pormenorizada dos processos de subjetivação. A relevância deste tema para a clínica psicanalítica ganha ênfase nas reflexões que evidenciam a diferença sexual como um princípio fundamental da psicanálise (Perelberg, 2018; Mitchell, 2018), inerente à subjetividade humana. Partindo desta ideia, o conceito de diferença sexual – que remete ao reconhecimento da castração simbólica e da finitude – leva inevitavelmente ao reconhecimento da bissexualidade psíquica como condição própria da subjetividade.

Bissexualidade e diferença sexual são, portanto, noções intrinsecamente ligadas. É importante reforçar aqui a distinção entre diferença sexual e diferenças sexuais de acordo com o que propõe Perelberg (2018). O primeiro termo refere-se a um princípio organizador da sexualidade humana, o qual indica que não se pode ser tudo e ter tudo; o segundo termo diz respeito aos modos diversificados de se reconhecer, designar e praticar a sexualidade. Sabemos que a maneira pela qual o pequeno ser humano irá se relacionar com seus objetos primários e lidar com seus conflitos bissexuais, inerentes a essas relações, é determinante na construção desse sujeito.

Se pensarmos que os conflitos e anseios bissexuais perturbam as relações do sujeito desde a raiz de sua existência, cabe indagar: é necessário escolher um (objeto) em prejuízo do outro? Esta pergunta inspirou um debate que reuniu, em

2015, expoentes da psicanálise francesa em torno do tema *Père ou Mère? Entre bisexualité psychique et différence des sexes*, debate este organizado por Catherine Chabert (Université Paris Descartes e Association Psychanalytique de France) e pela revista *Le Carnet PSY*. A questão colocada em discussão é a suposta crença de que, fora do drama edípico, não seja possível reunir pai e mãe no inconsciente, tornando intolerável a ideia de suas coexistências pela dor de se reconhecer a vida comum do casal parental (Chabert, 2015).

A bissexualidade psíquica, mais do que aludir à escolha de objeto, ressalta a dupla referência ao masculino e ao feminino, ou seja, às posições psíquicas e funções materna e paterna, que podem (ou não) estar encarnadas nas figuras concretas de mãe e pai ou de seus substitutos. Concordamos com Chabert na defesa de que, potencialmente, a bissexualidade deve ser vista não como uma confusão de sexos, mas, sim, como a coexistência de dois no psiquismo – masculino e feminino, em suas configurações singulares ou plurais.

Entendemos que a bissexualidade participa da construção do espaço interno como um trabalho imposto ao psiquismo no sentido de sua integração, com a introjeção progressiva da polaridade sexual, pois não se pode levar em conta um sexo sem considerar o outro. Nesse processo de internalização dos objetos primários, tanto o pai quanto a mãe, dentro de suas funções, ganham espaço para coexistirem no inconsciente do sujeito. A ideia de uma bissexualidade integrada no psiquismo possibilita deslocar a discussão acerca de suas origens para seus destinos, conduzindo à nossa hipótese de que a bissexualidade não se encerra em uma questão constitucional, mas inscreve-se no psiquismo originário como produto de dois que formam um terceiro e, desse modo, este sujeito, produto das relações com o outro, seguirá seus destinos pulsionais.

No intuito de desenvolver essas ideias, examinamos as formas da bissexualidade psíquica no curso do desenvolvimento psicosssexual conforme foram propostas em estudos contemporâneos, bem como os destinos que podem ser traçados na vida psíquica do sujeito. Iniciamos com um recorte teórico da formação dos primeiros traços do psiquismo a partir da concepção freudiana do aparelho psíquico, utilizando os modelos de Wilfred Bion e André Green. Esses autores permitem refletir sobre algumas condições específicas em que se instaura o aparelho psíquico e as suas ligações com as formas de organização da sexualidade, tendo como eixo as representações da bissexualidade. Sua escolha deve-se especialmente à forma com que trabalham a noção de objeto desde os primeiros traços da vida mental.

Em seguida, abordamos as formas primárias da bissexualidade. Este fenômeno é apresentado nos tempos psíquicos do pré-genital, da travessia edípica e

do genital adulto. Resgatamos a proposta de Green da figura do terceiro. Tratamos de como a presença do pai, em negativo, é dada desde a origem e possibilita a inscrição de uma cena primitiva inaugural, abrindo caminho para a organização da bissexualidade em seus vários níveis no desenvolvimento psicosexual. Enfatizamos a importância da bissexualidade nos movimentos identificatórios, processos de diferenciação e reconhecimento da alteridade, constituindo a base de uma identidade madura e de uma convivência pacífica do sujeito com a diferença.

Entendemos, assim, que a noção freudiana de bissexualidade psíquica mantém sua atualidade e originalidade. A clínica psicanalítica permite-nos sustentar que, embora muitas vezes seja difícil de se identificar, a interferência da bissexualidade faz-se presente nos movimentos transferenciais da dupla analítica. Nesse sentido, consideramos a importância do tema para instrumentalizar o trabalho clínico na construção de sentidos para os conflitos identificatórios e impasses no reconhecimento da diferença.

“Não sou eu, sou o Outro que em mim procurava seu destino. Em outro alguém estou nascendo” (Andrade, 1981).

Os primeiros traços da vida psíquica

A bissexualidade participa da organização da vida psíquica desde os primeiros tempos e se inscreve nos vários momentos do desenvolvimento da personalidade. Em diferentes modelos das origens do funcionamento mental vamos encontrar as polaridades do masculino e do feminino e a noção de uma cena primária, num momento de organização da vida sexual psíquica em que as representações da diferença de sexos não têm sentido (Miller, 2002).

A fim de compreendermos o modo como a bissexualidade psíquica se apresenta em suas formas primárias e pensarmos seus efeitos na construção do espaço mental e na constituição do sujeito, enfatizamos dois modelos que buscam elucidar os primeiros rudimentos da vida psíquica, formulados por Bion e Green, analisando a forma como conceberam o momento inaugural de fundação do aparelho psíquico. O que nos importa, nas contribuições destes autores, é o modo como compreenderam a ocorrência do objeto e as suas relações com o psiquismo em construção.

Esses modelos assentam-se naturalmente no pressuposto freudiano sobre a ocorrência primeira do objeto, a qual abordaremos a seguir como uma breve

introdução de suas ideias a respeito do funcionamento psíquico. Freud (1900, 1923) sempre considerou a existência de um aparelho sob a ação de forças específicas que impõem à mente uma exigência de trabalho.

Em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud (1915) traz uma noção de objeto em relação à pulsão, mas esta ligação não existe desde o princípio, ela deve ser construída. O objeto freudiano mantém seu caráter intrapsíquico; é tudo o que pode ser investido e, inicialmente, é a criança quem se incumba de satisfazer suas necessidades corporais (no autoerotismo). No texto *O Eu e o Id*, Freud (1923) refere-se à “primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal” (p. 38) e, em nota de rodapé a este trecho, acrescenta ser mais prudente tratar *os pais* como objetos primordiais, não como resultado de um investimento objetal, mas como uma “identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal” da criança (p. 39).

Observa-se que Freud (1923) fala de uma mente em estado primitivo em relação ao objeto da pulsão (intrapsíquico). Contudo, como não existe bebê sem mãe, no *Esboço* Freud (1940[1938]) vai reforçar a ideia do seio como primeiro objeto erótico da criança, o qual ela não distinguiria de seu próprio corpo e carregaria consigo “como um ‘objeto’, uma parte das catexias libidinais narcísicas originais” (p. 202). Sabemos que, depois, esse primeiro objeto será completado na pessoa da mãe, conferindo a ela “a importância única [...] de primeiro e mais forte objeto amoroso, protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos” (p. 202).

Freud (1911) utiliza um modelo segundo o qual ocorreria, nas origens da vida psíquica, uma realização alucinatória do desejo: um movimento do psiquismo nascente do bebê, que busca retomar o caminho da experiência de satisfação de um momento inaugural – *desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe* – quando se depara com a ausência de satisfação ou com a falta do seio. Para Freud, o bebê provavelmente alucina a realização de suas necessidades internas. Ou seja, ele recria o seio, alimentando-se da própria ilusão. No entanto, como sua ilusão não torna presente o objeto faltoso (algo que só ocorreria se a pulsão alcançasse, de fato, sua meta, ou seja, se a fome fosse saciada), Freud adverte que o bebê *quase realiza* um sistema psíquico deste tipo, isto é, isolado dos estímulos externos e autossuficiente. Instala-se, assim, o objeto da falta freudiano.

Dessa maneira, em Freud, é a ausência do objeto o elemento que ocasiona o aparecimento do desejo, com a tentativa do psiquismo infantil, desde então, de reencontrá-lo. Todo ser humano – que um dia teve que renunciar ao gozo com a mãe – buscará sempre esse desejo, jamais possível de ser satisfeito. A pulsão nunca deixa de insistir em buscar a satisfação completa, mas nenhum objeto da

pulsão pode satisfazê-la de forma plena. O objeto como falta, objeto ausente, é um aspecto determinante da sexualidade humana.

As ideias de Freud sobre a ocorrência do objeto nos primeiros tempos da vida psíquica embasaram as propostas de Bion e Green em torno do impacto do objeto real sobre o sujeito. Ainda que distintas, essas propostas dialogam entre si no que diz respeito à presença/ausência do objeto nas origens do psiquismo, considerando sua dupla condição – interno e externo, objeto da fantasia e objeto real.

É consensual na psicanálise contemporânea, o fato de que o sujeito humano só pode se constituir por meio da relação com outro sujeito. Encontra-se aí a função fundamental do psiquismo da mãe e do pai (como objetos primários) nas primeiras representações da criança. Bion (1962) pressupõe uma capacidade de devaneio da mãe (*rêverie*), um estado mental aberto que dá um sentido à atividade do bebê e que pode receber, decodificar e significar as angústias dele e somente depois devolvê-las, metabolizadas.

Bion (1962, 1963) parte da ideia de uma preconcepção inata do seio, um estado de expectativa por parte do bebê, para então ampliar essa ideia como o núcleo de seu modelo psicanalítico do funcionamento mental. É bem ilustrativa a maneira por meio da qual Chuster, Soares e Trachtenberg (2014) traduzem o pensamento bioniano: a preconcepção corresponde a uma vaga expectativa de que exista, no futuro, um objeto onipotente e psiquicamente receptivo capaz de preencher as necessidades humanas. Os autores resumem, desse modo, o psiquismo original que preconcebe o seio como objeto primário, mas, por detrás do seio, estão os pais sexualmente unidos garantindo a existência deste seio; por detrás dos pais, está a sociedade garantindo essa união e, ao final, existe uma mente criativa buscando preservar a vida da espécie (p. 66).

Percebe-se assim que, desde as origens do psiquismo, Bion (1962) supõe uma relação de objeto: o bebê busca em primeiro lugar a mente da mãe, para que ela possa conduzi-lo ao seio. Este propicia ao bebê alimento físico e psíquico. O que acontecerá então, a partir deste momento, vai depender da experiência emocional de mãe e bebê, resultante da ação de um sobre o outro. O termo *rêverie* se aplica aqui, servindo a Bion (1962, 1963) para designar um movimento ativo na base da origem do psiquismo. Lembremos, ainda, que o bebê não faz uma simples expulsão de conteúdos intoleráveis de sua mente; ele possui a expectativa (preconcepção) de encontrar um espaço aberto disposto a receber e a conter suas necessidades e angústias. Este espaço (psique materna) no qual o bebê projeta seu conteúdo foi chamado de continente por Bion.

Bion (1962) utiliza os conceitos de continente e conteúdo como “modelos de representações abstratas de realizações psicanalíticas” (p. 124), representando-os

por intermédio de símbolos que permitem maior grau de abstração. Emprega ♀ e ♂ para designar, respectivamente, continente e conteúdo. Usa os símbolos masculino e feminino de forma deliberada, mas avisa que isso não exclui implicações não-sexuais (Bion, 1970). Podem ser aplicados, por exemplo, a modelos de prazer ou dor, bem como a evacuar ou reter – modelos de inclusão e exclusão.

Miller (2002) observa que, ainda assim, esta notação atribui uma valência sexual a dois movimentos psíquicos e ao modo de relação entre ambos, fazendo referência à diferença dos sexos, mesmo que a única diferença que começa a se estabelecer nesses primeiros movimentos seja a do Eu e do não-Eu. Desse modo, o elemento projetado, intrusivo, vincula-se a uma simbólica masculina, enquanto que o elemento receptor, com função continente, vincula-se a uma simbólica feminina.

O modelo de Bion indica, assim, uma relação dinâmica entre ♂ e ♀, nomeada por ele de comensal, na qual ♂ projeta-se dentro de ♀, indicando que continente e conteúdo são reciprocamente dependentes, com benefício mútuo. Nesses movimentos psíquicos, o bebê introjeta a atividade compartilhada por dois indivíduos, de modo a se instalar nele o aparelho ♂♀, que vai formar parte do aparelho de função-alfa (Bion, 1962). Refere-se à relação boca-seio, pois este é o embrião do desenvolvimento psíquico, ao passo que aquilo que penetra os elementos ♂ e ♀, juntando-os ou separando-os, é a emoção. Ou seja, para Bion, os vínculos entre os objetos internos são vínculos emocionais.

É da relação dinâmica entre continente e conteúdo que pode advir o aprender com a experiência e o crescimento psíquico através da introjeção da bissexualidade pelo bebê. Guillaume (2005) observa que esse elemento só se apresenta operante se o sujeito tolerar, através da integração ♂ ♀, uma bissexualidade primária, que terá como resultado, o esboço de uma triangulação. Podemos pensar com Bion, que um aparelho psíquico se desenvolve a partir da existência de pais sexualmente unidos, no inconsciente da mãe, garantindo a presença do seio.

Se os elementos ♂ e ♀ podem se juntar ou se separar, Miller (2002) reforça que é a emoção que permite aos dois elementos funcionarem como um aparelho. Ou seja, a emoção é uma variável que une elementos masculino e feminino; o aparelho é capaz, assim, de mudar as emoções, incluindo aí a capacidade de remodelagem e de receptividade de um elemento, bem como da penetrabilidade de outro. A depender da importância e da qualidade da relação com os objetos primários, o sujeito terá maior ou menor maleabilidade psíquica para lidar com os movimentos identificatórios de sua bissexualidade.

Em outro modelo construído por Bion (1962) de uma situação emocional em que o bebê experimenta o medo de morrer, este depende de um seio capaz de suavizar o medo. Mas, se o seio é indiferente, a violência da emoção junto à

inveja projetada no seio transforma-se em um *terror sem nome*, como se o bebê *evacuasse toda a sua personalidade*. Utilizando este modelo no texto *A mente primordial e o trabalho do negativo*, André Green (2000) aponta uma diferença entre as premissas básicas de Freud e Bion: enquanto Freud parte da ideia de que o bebê sempre será capaz de criar uma concepção de seio, na satisfação alucinatória do desejo, expelindo o mau e fantasiando um seio nutridor, Bion entende que a satisfação alucinatória de desejo pode não ocorrer, em função da experiência de aniquilamento sentida pela criança.

Também para Green, o bebê não consegue se livrar tão facilmente de uma ansiedade presente nas camadas mais profundas da mente primordial. O destino das primeiras experiências e suas transformações precisa ser explicado de outra maneira. É nesse ponto que Green destaca a importância da ação do objeto externo: “A capacidade de *rêverie* da mãe representa a intervenção útil do adulto, uma mente madura que pode ser introjetada pela criança para transformar sua experiência interna destrutiva” (p. 140).

O outro do objeto

A citação acima conduz à primeira ideia que queremos destacar sobre o modelo de André Green de constituição psíquica. Na histórica conferência *Trop c'est trop* de 1982 (citada por Candi, 2010), Green sentenciou que nenhuma teoria psicanalítica pode reduzir a importância do status duplo do objeto como fantasmático e real, interno e externo. Ele destaca a inclusão do objeto real não só na organização do psiquismo como também na própria realidade externa, o que possibilita dizer que a realidade psíquica opõe-se a uma realidade externa ao psiquismo, sendo que esta inclui o próprio corpo do sujeito, a realidade psíquica do outro e a realidade externa.

Uma das valiosas contribuições de André Green à psicanálise é a articulação que faz entre a perspectiva relacional e a pulsionalidade, distanciando-se dos modelos pós-freudianos que se fixam nas relações de objeto e negligenciam a dimensão pulsional na constituição psíquica. Candi (2010) salienta que Green encontra em Bion “um analista que teoriza sobre o diálogo da pulsão com o objeto” (p. 82).

Green (1988, 2008) sempre insistiu na importância do conceito de pulsão como elemento fundante do psiquismo, pois ele se relaciona com a força do afeto na dinâmica psíquica, que mobiliza uma tensão e dá vida às sensações, representações, fantasias e desejos, desencadeando o processo de simbolização. A experiência

emocional (ativação da pulsão) está presente desde o início, constituindo o primeiro passo em direção ao pensamento. Green (2000) articula as ideias de Freud e Bion para defender que “há algo de primitivo, na mente, não totalmente explicado pelos primeiros estágios de relação objetual no desenvolvimento do bebê” (p. 134).

Essa ideia junta-se à hipótese bioniana dos elementos beta (experiências sensoriais) que, sem uma outra mente para transformá-los, são impensáveis. Para Green (2000), os elementos *beta* se aproximam dos estímulos externos e impulsos corporais desprazerosos, forçando sua descarga. O bebê transforma dor em grito. A resposta do objeto externo (*rêverie* da mãe) é que pode transformar a angústia excessiva do bebê em conteúdos psíquicos, dando-lhes sentido.

Neste ponto, inclui-se o papel do objeto, reivindicado por Green (1978, 1993, 2000) nos seus desdobramentos teórico-clínicos sobre a constituição do psiquismo. As exigências internas que pressionam o bebê em direção ao objeto externo em decorrência da intermediação da pulsão, bem como o modo através do qual o objeto responde a esta reivindicação, são as variáveis que determinarão o desenvolvimento nos primeiros tempos do aparelho psíquico. Para que o psiquismo se desenvolva, é necessário que a intensidade de prazer ou desprazer seja abrandada e contida, algo que vem a ser a origem do pensar.

Com essa introdução às ideias de Green sobre os determinantes do funcionamento mental, frisamos sua contribuição teórico-clínica na conjugação entre o intrapsíquico (centrado na pulsão) e o intersubjetivo (centrado no objeto), destacando, ainda, em seu modelo de constituição psíquica, a concepção de terceiridade (Green, 2008) como matriz para o surgimento do aparelho psíquico e o lugar do pai na díade mãe-bebê, estabelecido como figura de ausência, como negativo.

Green (*Ibidem*) observa que, após a morte de Freud, a comunidade psicanalítica debruçou-se a estudar as formas pré-genitais e a sua importância nas relações duais, ficando cada vez mais obscura a figura do pai no pensamento clínico. Coube a Lacan (1956-1957) restabelecer a importância da função paterna. Em 1975, Green formulou a hipótese de uma triangulação primitiva no cerne das trocas entre mãe e filho, com o objetivo de indicar o lugar do pai não como pessoa distinta (o que não ocorreria no início da vida), mas porque ele existe no psiquismo da mãe. “Há, de fato, três objetos: os dois pedaços separados e o objeto correspondente à junção deles dois” (Green, 2008, p. 231).

Na origem, existem três elementos, e não dois. Este pressuposto fundamenta as ideias de Green (*Ibidem*) sobre terceiridade, objeto ausente, representação, atividade simbólica, trabalho do negativo. Para o autor, o pai está lá desde o início, na relação mãe-bebê, como o outro do objeto, a ocupar um lugar na mente da mãe

e a efetuar a separação na relação mãe-filho na triangulação edípica, quando enfim ganha uma existência distinta. Citamos o comentário do autor sobre a antecedência da figura paterna à passagem do Édipo:

Ele [o pai] não estava verdadeiramente ausente até então, mas não intervinha senão indiretamente através da mãe (o pai dentro do espírito da mãe). Contudo, ele existe, como parte inteira, tanto como agente separador, diria melhor interditor, como no oposto, como segundo objeto a amar (Green, 2008, p. 236).

Entretanto, para Green, a existência do terceiro não necessariamente remete à estrutura edipiana. Segundo ele, “é perfeitamente possível visualizar relações triangulares onde o terceiro não representa a função paterna. Por outro lado, parece que é importante não se deixar aprisionar na relação dual” (Green, 2008, p. 245). O autor apoia-se no exemplo de uma estrutura ternária composta pelo sujeito, pelo objeto e pelo outro do objeto, esse outro não sendo o sujeito. A relação da mãe com a criança ligar-se-ia a um outro objeto da mãe, não necessariamente o pai, mas a um objeto do desejo da mãe diferente do pai, suporte de uma paixão: um objeto da infância da mãe (a sua própria mãe, pai ou outra pessoa) ou outros.

Acreditamos que essa compreensão amplia o debate sobre os modos de subjetivação, considerando as diversas configurações relacionais e familiares acerca das sexualidades e da diferença sexual. Esses processos subjetivos podem ser pensados a partir de uma ordem heterogênea e complexa. Obviamente, as funções materna e paterna são capazes de serem tomadas por outros distintos de mãe e pai reais e, desse modo, acabam sendo internalizadas pela criança. A função pode ocorrer pela ausência do objeto (por exemplo, separação ou morte) e abrange as diversidades sexuais e de gênero, como mostram os estudos das neoparentalidades.

Consideramos que as funções materna e paterna se apresentam para além dos gêneros masculino e feminino e da diferença sexual anatômica, e que seu sentido não empobrece a discussão em torno das novas configurações familiares. Glocer Fiorini (2015) propõe o termo *função terceira* como solução à designação *função paterna*, a qual estaria sujeita a uma ordem social androcêntrica e ocultaria o sentido simbólico da função. A despeito dessa problemática, o fato é que mãe e pai existem como objetos primordiais, na condição de objeto presente ou ausente, na fantasia do bebê e no psiquismo da mãe, e marcam uma dupla referência nas primeiras identificações dessa criança.

Observa-se como Green rejeita a ideia de uma relação dual mãe-bebê como modelo teórico e clínico, e centra no Édipo, não como complexo, mas como modelo

para pensá-lo como triângulo aberto (com o terceiro substituível), no qual está incluído o outro do objeto, a assumir ou não a função paterna edípica. Para Green, a situação é triangular desde o início – por mais que seja claro que a relação principal do bebê estabelece-se inicialmente com a mãe –, pois o pai inscreve-se como figura de ausência. No trabalho *A mãe morta*, Green (1980) apresenta a seguinte reflexão:

[...] o destino da psique humana é sempre ter *dois* objetos e nunca um único, tão longe quanto se recue para tentar apreender a estrutura psíquica dita mais primitiva. Isso não quer dizer que se deva aderir à concepção de um Édipo primitivo – filogenético – onde o pai enquanto tal estaria presente. [...] O pai está aí, ao mesmo tempo na mãe e na criança, desde a origem. Mais exatamente, *entre* a mãe e a criança (p. 244).

Acrescenta Green (1980) que, pelo lado da mãe, essa presença se configura através do seu desejo pelo pai, do qual a criança é a realização. Pelo lado da criança, ressalta o autor, “tudo o que antecipa a existência de um terceiro, cada vez que a mãe não estiver totalmente presente, [...] antes do que se convencionava chamar a perda do objeto, será, *après coup*, vinculável ao pai” (p. 244).

Considerando que não se trata de um Édipo originário, a referência de Green aos três nos primeiros tempos da vida psíquica traz uma nova maneira de compreender a cena primária freudiana (com o terceiro excluído) como matriz triangular do psiquismo. Para Green (1980), distintamente do caso do *Homem dos lobos*, o que conta na cena primária não é o fato que o sujeito testemunha, mas o seu contrário: que ele tenha estado ausente do gozo dos pais. Na leitura greeniana, é em relação a esta exclusão e à fixação à cena primária que se relaciona a loucura do *Homem dos lobos*, por sua vez atrelada ao seu conflito bissexual, na leitura greeniana.

A interferência da bissexualidade faz-se presente aí (como veremos mais adiante). O fantasma da cena primitiva remete o sujeito à condição de terceiro excluído do casal parental, mas, nesse primeiro momento, sem a dupla diferença dos sexos e das gerações que é característica do complexo edípico. Tal fantasia da cena primária desempenha um papel de distanciamento do sujeito, que o separa da mãe. Como objeto primordial, a mãe não ocupa apenas o lugar da mãe arcaica, fusional e sedutora; ela também é marcada por uma paixão incestuosa na triangularidade da fantasia da cena primitiva à qual a criança é confrontada. O pai enquanto função (objeto de investimento da mãe) introduz um espaço entre mãe e criança.

Esta situação psíquica traz à discussão a presença em negativo do terceiro, conceito aprofundado por Green (1993, 1997) em sua original elaboração sobre

o trabalho do negativo. Como ele frisou no referencial trabalho *A intuição do negativo em O brincar e a realidade*, uma de suas fontes foi a obra winnicottiana a respeito do negativo e dos fenômenos transicionais. Nessa perspectiva, o pai surge como uma das fontes primárias do trabalho do negativo em decorrência da sua relação indireta com a criança (mediada pela representação), opondo-se à relação direta do bebê com o corpo da mãe (Urribarri, 2012). Contudo, o pai deve ser compreendido em sua função de instaurador do espaço potencial entre mãe e bebê, algo essencial aos processos de simbolização.

Green (2000) retorna a Freud para reforçar que o negativo, que está na base da atividade psíquica, “não só é normal, como também é um pré-requisito para qualquer espécie de desenvolvimento psíquico” (p. 143). O negativo conjuga-se com a experiência da ausência, da falta. Em sua forma estrutural, o trabalho do negativo pode se expressar na criação de espaços vazios para um trabalho psíquico de transformação. Nesse aspecto, entendemos que ele tem uma função ativa na bissexualidade, enquanto condição que tanto estrutura o psiquismo – acionando as defesas para expulsar os excessos pulsionais – como também o ameaça, quando prevalece a ausência ou presença excessivas dos objetos primários.

É nesse sentido, também, que podemos compreender a proposição de Green (1973) em *O gênero neutro*, ao afirmar que a bissexualidade se organiza pela constituição da fantasia do outro sexo no triângulo edípico. Não se trata de um Édipo primitivo com a presença do pai, mas de um pai-objeto-ausente na mãe e na criança desde a origem. Em outras palavras, *entre* a mãe e a criança. Vejamos como a bissexualidade se inscreve e intervém na constituição do sujeito em seus sucessivos momentos do desenvolvimento.

Primeiro tempo: a bissexualidade pré-genital

“Há que experimentar o prazer para, só depois, bem suportar a dor. [...] A dor do parto é também de quem nasce. Todo parto decreta um pesaroso abandono. Nascer é afastar-se – em lágrimas – do paraíso, é condenar-se à liberdade” (Queirós, 2011).

As descobertas de Freud no campo da psicosssexualidade sugerem dois aspectos da bissexualidade psíquica. Desde suas primeiras ideias surgidas a partir das conversas e da correspondência trocada com Wilhelm Fliess (Masson, 1986),

Freud concebeu uma bissexualidade psíquica originária ou constitucional, própria do indivíduo, a “bissexualidade de todos os seres humanos” (p. 213). Na formulação do complexo de Édipo em sua forma completa, Freud (1923) parece considerar a bissexualidade em um nível secundário, ligada à fantasia edipiana e às posições masculinas e femininas que a caracterizam.

Partimos da noção de que a bissexualidade assenta as suas bases nas origens narcísicas da psicosssexualidade. Seu pertencimento ao universo narcísico primário sugere nomeá-la, nesse estágio do desenvolvimento psicosssexual, como bissexualidade psíquica primária, conforme foi proposto por Haber (1997). Considerando a premissa freudiana de uma disposição bissexual constitucional, a hipótese de Haber é a de que a bissexualidade psíquica se constrói em parte sobre uma bissexualidade basal, e para ele o grau psíquico *está para ser determinado*. Nesse entendimento, a bissexualidade basal compõe o narcisismo primário. Esse primeiro tempo deve ser distinguido da bissexualidade psíquica secundária, do tempo do Édipo, que pressupõe transformações com relação à primária.

Em sua essência narcísica, a bissexualidade psíquica se situa ao lado das identificações, primárias ou secundárias (Schaeffer, 2002). Destacamos, neste tópico, um tempo primário do desenvolvimento psíquico marcado pelas identificações iniciais do pequeno ser e as formas precoces da bissexualidade, circunstâncias que ocorrem no período pré-genital.

Freud (1923) atribui a primeira e mais significativa identificação do indivíduo àquela realizada com o pai da pré-história pessoal – *ou com os pais*, ressalta ele, pois, nesses primeiros tempos, antes do conhecimento da diferença entre os sexos, o bebê não avalia pai e mãe de forma distinta. É uma referência fálica ao que hoje compreenderíamos como a noção kleiniana da fantasia dos pais combinados. Vemos, com Freud, que essa identificação remonta às origens mais remotas, na fase oral primitiva do indivíduo, “quando investimento objetual e identificação provavelmente não se distinguem um do outro” (p. 35).

Freud (1923) acrescenta naquele texto que as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe “parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária” (p. 39). Em seguida, admite a complexidade dessas relações e afirma ser a interferência da bissexualidade constitucional do indivíduo responsável por parte dessa complexidade.

Schaeffer (2002) aponta o embaraço teórico de Freud para definir a identificação primária, destacando a sua ambiguidade ao supor que investimento objetual (o seio materno como protótipo) e identificação (o pai da pré-história) não se distinguem. Há diversas discussões em torno de uma identificação primária, e os prolongamentos teóricos pós-freudianos desta noção voltam-se para a primeira

fase da união da criança com a mãe. Winnicott (1967) descreveu um ambiente inicialmente não diferenciado entre o bebê e a mãe. As ideias de Bion e Green sobre a constituição psíquica desenvolvem a noção do terceiro objeto nas origens da vida psíquica, mais precisamente no psiquismo da mãe, o que, segundo Green (1997), foi intuído por Winnicott na definição do objeto transicional como posse não-eu, este distinto do objeto primário.

Acompanhamos a descrição de Schaeffer (2002) sobre esse modo de identificação primária, oral-canibalística, como um primeiro movimento de interiorização do que foi transmitido ao bebê pelo psiquismo materno, vivido na incorporação oral de uma criança em seu ventre, “não sendo senão um com ela, e de seu desejo de prolongar esta completude narcísica” (p. 24). Nessa experiência de fusão e indiferenciação para a criança, a identificação é ser um com a mãe, *onde se devora e é devorado*. Como nos anunciou Freud, a vivência do bebê traduz-se em *eu sou o seio*.

Segundo Schaeffer (2002), essa indeterminação sexual psíquica, fantasia de ser nem um nem outro, ou um e outro, cria a fantasia de uma bissexualidade pré-genital a dois. McDougall (1997) discorreu sobre o desejo da criança de *ser e ter* os dois sexos, refletindo a fantasia de um corpo para dois, uma psique para dois, desejo apoiado no estado original de união com a mãe – fantasia que remete ao narcisismo primário proposto por Freud (1914), que irá nutrir a ilusão de uma potência bissexual.

Haber (1997) salienta que, neste tempo primevo, a dimensão psíquica está diretamente intrincada não só ao corpo, mas também aos investimentos libidinais, narcísicos e objetais da mãe e do pai (conscientes e inconscientes). Por outro lado, afirma, a criança está confrontada à bissexualidade psíquica da mãe e à do pai. Ou seja, para o autor, a bissexualidade específica e original da criança estará sob forte dependência de um adequado reconhecimento, pelos pais, de sua identidade sexuada – como proposto por Stoller (1993).

Quando trata de uma bissexualidade originária, Freud considera esse sujeito original, com suas marcas identitárias, um bebê ativo em seu percurso individual, ao mesmo tempo participando de trocas com seus objetos e sem ser um indivíduo submetido e moldado pelo objeto. Por se assentar nas bases narcísicas do indivíduo, a bissexualidade primária se ativa nas origens do psiquismo e segue seu destino, sem jamais se dissolver. Será modelada ao longo do desenvolvimento psicosssexual e pode ressurgir na vida contemporânea do indivíduo adulto em função das regressões e mobilidades psíquicas.

Apoiando-nos nas ideias de Winnicott, descreveremos um segundo momento da bissexualidade pré-genital que sucede a experiência identificatória

mais primitiva do bebê, no qual a relação com a mãe é caracterizada pela relação em espelho e o bebê deixa o estado de indiferenciação, assimilando, aos poucos, a mãe como objeto separado. Para Haber (1997), esse momento funda também uma modificação da bissexualidade psíquica. Winnicott (1967) propõe que, no desenvolvimento emocional primitivo, desde que seja satisfatório, “o precursor do espelho é o rosto da mãe” (p. 153, grifos do autor). Foi o primeiro a reconhecer a função de espelho primário da mãe, criticando a noção de Lacan (1954), para quem o espelho representaria o papel do olhar fundador do Outro na constituição do aparelho psíquico.

Winnicott (1967) observa que o bebê, quando olha para o rosto da mãe, enxerga a si mesmo. Ou seja, a mãe está olhando para o bebê e “aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali” (p. 154, grifos do autor). O bebê vê a si mesmo como outro e, por meio da mãe (espelho), tem uma experiência de si mesmo como sujeito e objeto, uma experiência de *relativa semelhança e relativa diferença*, na bela definição de Ogden (1996).

Ao olhar o outro e se ver no olhar do outro, o pequeno ser começa a experimentar um sentimento de existência; são os primeiros indícios da experiência de autoconsciência. Segundo Haber (1997), desse momento do desenvolvimento da criança, se desprende um conjunto identitário o qual está ligado à bissexualidade, dominada então por uma homossexualidade primária,⁴ fase em que o bebê vai introjetar a figura do mesmo sexo em uma identificação (tanto da menina quanto do menino) com o sexo da mãe. Entendemos que, nesse tempo, desenvolve-se o autoerotismo por meio das trocas ligadas à homossexualidade primária, passagem necessária para que haja uma vivência da fase erótica da sexualidade.

Essa experiência de satisfação primitiva supõe a construção e o encontro com o *duplo de si* (Roussillon, 2004), que ocorre numa relação de dependência primitiva e *prepara* a fantasia da cena primitiva. Considerando que um duplo é um outro sujeito referido a si mesmo, distingue-se de um estado de indiferenciação e fusão mãe-bebê. A hipótese de uma *relação primitiva homossexual em duplo* supõe que o outro primordial seja encontrado inicialmente como um semelhante, partilhando os mesmos estados de ser e sendo percebido no espelhamento do sujeito. Ou seja, o outro funciona como um duplo, mas um espelho não totalmente preciso, que vai acomodando e marcando a intersubjetividade entre mãe e bebê (Ogden, 1996; Roussillon, 2004).

O tempo da homossexualidade primária tem a importância de imprimir, na psique da criança dos dois sexos, a marca feminina materna original (Schaeffer,

⁴ Roussillon (2004) inspirou-se nesse conceito de E. Kestemberg para desenvolver a noção de homossexualidade primária em duplo, a qual priorizamos nesse trabalho.

2002). É o momento de um investimento erótico da mãe, que seduz e mantém as primeiras trocas amorosas com a criança. É preciso viver a ilusão para, em seguida, se desiludir. Como indica a poesia de Bartolomeu Campos de Queirós (2011) citada na epígrafe deste tópico, *há que experimentar o prazer para, só depois, bem suportar a dor*. Em proximidade às ideias de Winnicott e Green, é na sequência que se estabelece a primeira triangulação observável no ser humano, o lugar inicial da ausência, do negativo, do abandono recíproco, o tempo da instauração da perda do objeto primário.

Sobre esse momento do desenvolvimento, Schaeffer (2002) afirma que, se a homossexualidade primária persiste e cria dificuldade à diferenciação das imagens parentais, predominará a marca da imagem materna arcaica bissexual, ameaçando contaminar toda relação posterior à feminilidade e ao feminino nos dois sexos. É nesta configuração que Marguerite Duras (1964) descreve a personagem central de seu livro *O deslumbramento*, Lol V. Stein, no arrebatamento que a leva a repetir incansavelmente a cena traumática em que é esquecida pelo par de amantes (seu noivo e a mulher que acaba de conhecer). Lol é a terceira, excluída da cena primária e aprisionada a esta cena, à procura de um tempo perdido em que a sua própria existência é colocada em questão.

A importância da marca feminina materna original no psiquismo do indivíduo, que ganha destaque nos trabalhos de Winnicott e Stoller, permite-nos pensar que o sentimento do bebê de ser uma parte da mãe evidencia nele o sentimento de feminilidade. Nesta situação, a bissexualidade do bebê possui um pólo feminino dominante (Haber, 1997). Isto não significa que a homossexualidade primária diz respeito apenas à menina, como já ressaltamos. O menino terá mais dificuldade de se desligar da marca precoce feminina e se perceberá mais vulnerável a ela, dependendo de como e com qual intensidade a mãe permite ao filho uma separação. Esta fase de fusão com a mãe poderá deixar efeitos residuais na forma de distúrbios na masculinidade, segundo Stoller (1993).

E quanto ao pai? Como ele participa das configurações da bissexualidade pré-genital nesse tempo remoto caracterizado pela homossexualidade primária, em que a situação primitiva da díade mãe-criança impõe sua marca feminina original no psiquismo infantil? Como enfatiza Green (1980, 2008), o pai está lá desde a origem, no psiquismo da mãe, como o outro do objeto, uma das fontes primárias do negativo, inscrito como figura de ausência. É o pai como função (e aqui incluímos a noção de função terceira, do objeto do investimento da mãe) que possibilita a inscrição inaugural da cena primitiva, na qual se aloja a bissexualidade em sua forma primária.

Green (1973) parte da ideia de que o sexo do indivíduo depende do modo

como ele é vivido e percebido por sua mãe e pelo seu pai – tese que acompanha a de Stoller – e de como ele mesmo se percebe nos seus desejos, os quais podem convergir ou divergir em relação aos desejos dos pais. Este conflito, diz Green, vai culminar na fantasia da cena primitiva que mobiliza e põe em jogo os desejos e identificações contraditórias.

A fantasia da cena primária traz um componente a mais no trabalho de organização psíquica. Segundo Roussillon (2004), é necessário, inicialmente, que a criança se sinta incluída, investida, para só então tolerar ser excluída. Em um primeiro momento, ela não reconheceria sua diferença sexual e geracional em relação aos pais. Desse modo, a cena primária constitui-se como força organizadora do psiquismo, inscrevendo a criança em uma triangulação originária na qual ela se enxerga ausente da relação do casal parental – ausência que pode ser tolerada com a qualidade de investimento da criança pelo objeto.

As contribuições de Roussillon (2004) e Ogden (1996) a respeito do duplo e da intersubjetividade na relação primitiva da criança com a mãe seguem a perspectiva de Green. Este autor, por sua vez, não descarta a abordagem clássica winnicottiana e ressalta que ela pode ser apressadamente compreendida como centrada na diáde mãe-bebê, deixando de lado o pai nos primeiros tempos da vida psíquica (Green, 1997). Quando define o objeto transicional como posse não-eu, Winnicott (1951) propõe uma leitura diferenciada para o conceito de objeto, tanto como objeto que satisfaz, objeto de desejo, quanto como objeto fantasiado. A partir dessa leitura, Green (1997) define o objeto como *o negativo do Eu*. Ele comenta:

Distinguir entre o primeiro objeto e a primeira “posse não eu”, como Winnicott faz, amplia nosso pensamento, especialmente se isso for localizado numa área intermediária entre duas partes de dois corpos, boca e seio, o que criará um terceiro objeto entre eles, não só no espaço real que os separa, mas no espaço potencial da sua junção depois da separação (p. 240).

Para Green (*Ibidem*), esse é mais um significado do negativo, pois traz a ideia de algo que não está presente. Aqui está o lugar do pai, do outro do objeto mãe (terceiro objeto), participando, em sua forma negativa, das representações, fantasias e da intersubjetividade entre criança e mãe. Desse modo, a figura do pai (terceiro) é incluída na problemática da bissexualidade pré-genital.

Retomando os conceitos expostos, a mãe, como continente, enquanto objeto primordial, possui função estruturante na psique infantil, mas contém uma ausência desde sempre, que é o lugar do pai (ou terceiro) presente em seu psiquismo. O pai se inscreve no espaço potencial entre a mãe e a criança como

instância terceira, separadora, mas também como objeto de amor. Dessa maneira, a criança se depara com o enigma sexual. Ressaltamos a crítica que Glocer Fiorini (2017) faz às figuras da mãe-natureza e do pai-separador, fortemente impregnadas na cultura e vinculadas à ideia de família nuclear. Estamos de acordo com a ideia de que a mãe tanto pode apresentar capacidade simbolizadora, desempenhando ela mesma a *função paterna*, quanto ter capacidade de promover a separação do filho, exercendo a *função terceira* (*Ibid.*).

A relação com a mãe dos primeiros tempos, a mãe arcaica, desprende-se, portanto, na constituição da fantasia da cena primitiva. Nesse afastamento relativo da mãe, opera-se gradativamente o trabalho psíquico de diferenciação (Green, 1980; Haber, 1997). A cena primitiva é, assim, a matriz dos movimentos inconscientes que presidem o encontro dos sexos, com suas representações conflituosas.

Se podemos considerar que a relação continente-conteúdo formulada por Bion está na base da construção do psiquismo e, desde a origem, imprime o signo masculino-feminino na relação do bebê com o objeto, na fantasia da cena primitiva as polaridades do masculino e do feminino entram em jogo e atuam como grandes referências. Uma dinâmica de trocas e de infinitas possibilidades de combinação liga esses dois pólos da bissexualidade psíquica (Miller, 2002). É com a instauração da fantasia da cena primária, celeiro das identificações edípicas e dos investimentos eróticos da criança, que passamos para um segundo tempo da bissexualidade psíquica, o tempo do Édipo.

Segundo tempo: a mediação bissexual na travessia edípica

Com a cena primária, entram em jogo os objetos parentais e a organização das identificações que, articulados com o desejo e com as fantasias da criança, vão constituir os componentes da bissexualidade nesse novo tempo do desenvolvimento psicosssexual. A fantasia da criança, então submetida à cena primitiva com todos os seus ingredientes, é confrontada agora com o enigma da diferença dos sexos e à experiência psíquica da castração. O acesso à posição depressiva e a dialética das posições masculinas e femininas características do Édipo correspondem a uma bissexualidade secundária (Haber, 1997).

A bissexualidade psíquica passa a se organizar em torno de dois polos: o complexo de castração e as identificações edípicas (Beetschen, 2016). Eles encontram-se profundamente intrincados e, em nossa opinião, reforçam a função mediadora e de ligação da bissexualidade psíquica, postulada por David (1992),

indicando também o potencial inibidor ou desviante das disposições bissexuais. A transcrição literal de trecho de Freud (1923) em *O Eu e o Id* faz-se necessária:

O desenlace da situação edípica numa identificação com o pai ou a mãe parece depender, em ambos os sexos, da relativa força das duas disposições sexuais. Esta é uma das formas como a bissexualidade intervém no destino do complexo de Édipo. A outra é ainda mais importante. [...]. Uma investigação mais penetrante mostra, em geral, o complexo de Édipo mais completo, que é duplo, um positivo e um negativo, dependente da bissexualidade original da criança (p. 41).

Freud (1923) parece sugerir o valor organizador e essencial da bissexualidade no complexo edípico, elemento que resulta da dupla identificação masculina e feminina. Ressalta que essas identificações não são simétricas e não possuem a mesma força, sendo que uma delas dominará a outra. Para Freud, existe uma composição de ambivalência e ternura tanto com relação ao pai quanto no que diz respeito à mãe, algo que o menino e a menina vivenciam por caminhos específicos.

No entrelaçamento dos dois pólos – o complexo de castração e as identificações – está o conflito edípico. Para Beetschen (2016), essa mescla das posições, associadas a excitação e sofrimento, ele a chama de *tormento da bissexualidade*, o qual, segundo suas palavras, é próprio do ciúme. Para Beetschen, a bissexualidade psíquica não parece ser um compromisso fácil: entre masculino e feminino, mais do que uma solução feliz, a criança terá que enfrentar o conflito.

Os casos clínicos analisados por Freud (1905a, 1905b) dão-nos uma medida da importância da bissexualidade no conflito edípico e na formação de sintomas, além de reafirmar o caráter ambíguo e complexo do psiquismo. Sua descrição da influência da bissexualidade em Dora é referencial: um conflito entre os desejos de Dora com relação ao homem e os desejos orientados à mulher, e entre sua identificação masculina ao próprio pai e a sua identificação feminina à Senhora K, amante do pai (Freud, 1905b).

Na descrição clínica que Freud faz do caso Dora, evidenciam-se três características da bissexualidade psíquica: os conflitos, as identificações e os impulsos instintuais dirigidos a um e outro objeto sexual. Acrescentamos os ciúmes de Dora em relação ao pai e à mãe e também ao Sr. e Sra. K, recorrentemente analisados por Freud, como parte de seus conflitos bissexuais.

Foi logo após Dora ter interrompido o tratamento de três meses que Freud, em 1901, escreveu a W. Fliess sobre as duas descobertas que aquela análise lhe havia trazido: a importância da função das zonas erógenas na origem dos sintomas

de Dora e a importância da bissexualidade psíquica no conflito entre a sua atração pelos homens e a atração pelas mulheres.

Mas sabemos que a maior descoberta que Freud deve à análise de Dora é a transferência. Vale lembrar a ressalva que ele próprio fez, 20 anos depois, ao perceber que a transferência paterna de sua paciente não foi o único motivo da interrupção. Havia também a transferência materna de Dora, ou seja, a atração homossexual pela sua mãe. Estava posta a predominância da bissexualidade sobre as relações com seus objetos primários no desfecho edípico.

A análise do Homem dos Ratos é outro célebre exemplo da ambivalência e conflitos dela decorrentes, os quais lançaram o jovem paciente de Freud, Ernst Lanzer, a um sofrimento torturante. Chabert (2016) fez uma releitura do caso clínico, apontando a impossibilidade de escolha do objeto que a bissexualidade psíquica pode vir a infligir nos destinos do Édipo.

Recordemos que o início da doença de Ernst Lanzer remete a uma impossibilidade amorosa: ele amava uma garota, mas acaba se enamorando de outra. Segundo Chabert (2016), ele se ampara na doença para não tomar decisão: não pode escolher uma mais que a outra, realizando uma fuga a sintomas obsessivos e invalidantes, a qual, para Freud (1909), significa uma escolha conflituosa entre o pai e o objeto sexual. O tormento de Ernst é focalizado no conflito triangular entre ele, seu pai e a mulher amada, centrado na relação edipiana com o pai, bem como o conflito entre amor e ódio, evidenciado através dos seus pensamentos obsessivos em relação ao pai e à mulher.

Chabert (2016) questiona a escolha de Freud para o lado do pai como figura amada e central na doença de Ernst (fonte da culpa e da angústia de castração), substituindo a escolha impossível entre duas mulheres, a velha e a nova, e apagando fragmentos da história que indicam seu amor infantil à mãe. Chabert indaga se a ambiguidade desta passagem de um par ao outro não conteria, justamente, as complicações da bissexualidade nos seus aspectos narcísicos, identificatórios e objetais.

Para a autora, a incapacidade do Homem dos Ratos de ir de um lugar a outro poderia representar o desejo e a sua enorme dificuldade de ir da mãe para o pai e vice-versa. Ernst não poderia ir em direção a sua mãe e nem a uma mulher, bem como não poderia se dar ao direito de ser um homem, uma vez que seu pai estava excepcionalmente presente, apesar de morto, ou justamente por isso (Chabert, 2016). A bissexualidade, com princípio organizador das escolhas objetais e das identificações, permite refletir sobre as dificuldades dessas escolhas e o entrelaçamento das identificações.

Com as identificações cruzadas, apontadas por Freud (1923), o complexo de Édipo possibilita uma articulação da ambivalência dos impulsos amorosos e hostis, a qual surge em fase precoce das identificações primárias. Chabert (2016) comenta as duas referências, masculino e feminino, que não devem ser confundidas com homem e mulher, e de suas implicações na relação da criança com as figuras pai e mãe que encarnam essas referências:

Não é que um ou outro objeto sexual mobilize especificamente componentes pulsionais diferentes – mais libidinais ou mais agressivos: sabemos que o masculino e o pai não são sempre portadores de atividade de poder, força e dominação! E que o feminino e a mãe não engajam sempre a passividade e a submissão, ou mais ou menos isso! [...]. Eles são as figuras e os objetos de amor originários e sua marca permanece nas representações comuns do masculino e do feminino (p. 22).

Os dois exemplos clínicos de Freud apresentam novamente a questão de Chabert (2016) e dos seus colegas franceses em torno da bissexualidade psíquica e da elaboração da diferença dos sexos: pai ou mãe, é possível escolher? É necessário estar do lado de um ou do outro?

A ideia da diferença dos sexos sustenta uma outra, a da existência e do reconhecimento dos objetos internos primários, ativos no movimento da escolha sexual. Este movimento suplanta, em parte, o movimento narcísico da identificação primária e da homossexualidade primária (o sujeito ligado ao mesmo). Contudo, vale lembrar que essa diferença dos sexos e das gerações não é aceita sem conflito. O entrelaçamento dessas duas grandes referências, o masculino e o feminino, atravessa o complexo edípico sob o signo da ambivalência, permitindo seguir os traços de uma bissexualidade constantemente ativa (Chabert, 2016).

A bissexualidade, em suas origens narcísicas, pode permanecer presa a estágios precoces do desenvolvimento psicosssexual, atrelada ao mesmo objeto. No entanto, é também tributária ao complexo edípico e se molda no trabalho de elaboração da diferença sexual, no entrelaçamento das identificações e da escolha de objeto e na formação mais sólida do Supereu. Nessas condições, a bissexualidade só se inclina para “um bem mais de um ou de outro” (Chabert, 2016, p. 23). Ou seja, não significa confusão dos sexos, mas a manutenção da existência dos dois, masculino e feminino.

Terceiro tempo: um destino para a bissexualidade

No percurso do desenvolvimento psicosssexual em direção a uma organização genital, em que os desejos bissexuais se confrontam com a fantasia da castração e um novo trabalho de luto pela renúncia ao objeto, a bissexualidade psíquica segue o caminho da diferenciação. Como enfatiza Green (1973), “é pela constituição da fantasia do outro sexo – aquele que não se tem, mas que poderíamos ter imaginariamente, no triângulo edípico” (p. 226), que a bissexualidade se organiza para tomar seu destino na genitalidade.

O *trabalho* no qual a bissexualidade se envolve, no sentido de sua integração no psiquismo com a introjeção progressiva da polaridade sexual, é determinante para o destino do complexo edípico e para a formação do Supereu. Sua elaboração de maneira suficientemente satisfatória levará ao reconhecimento da alteridade e da diferenciação, algo que David (1992) chamou de *processo inconsciente de bissexualização*, paralelo ao trabalho de maturação que prepara a integração da identidade sexual.

Nesse caminho da diferenciação, o reconhecimento das metas, transformações e destinos das pulsões sexuais terá uma importância determinante (Beetschen, 2016). Ou seja, na fase do genital adulto, a equivalência feminino-passivo e masculino-ativo, recorrente em Freud, não se sustenta. Como destacou Freud, há metas pulsionais passivas que são ativamente buscadas. Chabert (2016) realça a bipolaridade da passividade e da atividade, no sentido de que ser passivo é aceitar ser excitado, ou seja, ser mobilizado pelo outro sexual.

Se o trabalho psíquico levar a uma integração mais harmoniosa dos afetos decorrentes da experiência edípica, tanto mais facilmente a bissexualidade psíquica do sujeito adulto poderá dialogar de maneira satisfatória com as diferentes instâncias do funcionamento psíquico, com uma liberdade na expressão de suas qualidades de masculinidade e de feminilidade. Como observa Bokanowski (1997), em sua expressão genital, o trabalho psíquico usa os recursos da bissexualidade com a finalidade de defesa e de satisfação. Esses movimentos podem se alternar reciprocamente em favor de um psiquismo mais maleável e autônomo.

Considerações finais

Nosso esforço de articulação das proposições aqui trabalhadas conduziu-nos à ideia de que as disposições bissexuais se inscrevem no psiquismo originário, cada qual a seu tempo, pela ação imprescindível do outro para a instauração

da psicosexualidade. Reiteramos que a função da mãe primordial tem aí a sua importância fundamental. Em seu amor e investimento da criança, o estado mental de receptividade da mãe proporciona um sentido e modula a atividade psíquica incipiente do bebê, no interjogo entre as pulsões do sujeito e as advindas do objeto. As referências de Bion e Green ao pai como terceiro ausente desde a origem, no espaço psíquico entre a mãe e a criança, guiou-nos à consideração de uma cena primitiva originária na qual estão envolvidos o sujeito, o objeto e o outro do objeto para a constituição da matriz psíquica.

A atividade da bissexualidade na construção do espaço psíquico e no processo de internalização dos objetos primordiais, desde as primeiras identificações articuladas com as fantasias da criança, resulta em que as representações de mãe e pai (objeto e o outro do objeto) ganhem espaço para coexistirem no inconsciente do sujeito. A marca irrefutável do outro primordial no psiquismo originário será o vestígio de uma bissexualidade psíquica constantemente ativa, que se redefine ao longo de nosso processo de subjetivação desde a inscrição de uma cena primitiva inaugural, abrindo caminho para a organização da bissexualidade em seus vários níveis do desenvolvimento psicosexual.

Contudo, não há caminho fácil no campo da sexualidade humana. Quando as formas pré-genitais da bissexualidade permanecem ligadas a uma relação conflituosa com os objetos primários, elas impedem a flexibilidade necessária aos movimentos identificatórios na fase genital. A não integração dos desejos bissexuais desencadeia sintomas e inibições na vida adulta, refletindo em confusões identitárias e no desejo de ser e ter os dois sexos. As formas de resistência da bissexualidade psíquica resultam em regressão a estados mais precoces do desenvolvimento psicosexual.

Essas ideias deram-nos respaldo para pensar em uma bissexualidade que não se encerra em sua condição constitucional, mas que se inscreve, desde o início, como produto das relações do ser com o outro, no conflito da cena primitiva, a partir da qual o ser seguirá seus destinos pulsionais na dinâmica dos desejos e das identificações contraditórias. Um e outro objeto sexual alimentarão essa dinâmica das fantasias e identificações. Como representações comuns do masculino e feminino, pai e mãe são as grandes referências para uma bissexualidade que permanece sempre ativa e indispensável para a apropriação subjetiva e a identidade do sujeito.

Essas duas grandes referências, o masculino e o feminino, marcam o sujeito pelos seus entrelaçamentos, pela relação harmoniosa ou pelas resistências à sustentação da cena primária e à aceitação da castração; elas possibilitarão a

integração gradual da bissexualidade, podendo ainda manter-se aprisionadas a estados precoces da psicosexualidade. □

Abstract

Psychic bisexuality in the constitution of the subject: on its origins and identity destinies

This paper proposes an understanding of psychic bisexuality throughout psychosexual development and aims at investigating how this phenomenon is inscribed in the origins of psychic life and shapes the subject's identity destinies. The authors develop the idea that bisexuality is inscribed in the original psyche by the action of the object and takes part both in the processes of subjectivation and recognition of difference and in its impasses. They address the theme by introducing some theoretical aspects regarding the freudian conception of the psychic apparatus as well as the models presented by Bion and Green on the constitution of early psychic traits, highlighting the role of the object. Next, they present the forms of bisexuality in the time of the pre-genital, the oedipal crossing, and the adult genital, as proposed by contemporary studies. They repropose Green's contributions about the third, who enables the inscription of an inaugural primitive scene and opens the way for the organization of bisexuality. Finally, they present theoretical arguments to sustain that bisexuality, in its dual reference to masculine and feminine, should not be seen as confusion of the sexes, but as an organizing factor of the subjective processes which allow the coexistence of two in the psyche, in their singular and plural configurations.

Keywords: Psychic bisexuality; Difference; Feminine; Masculine; Psychic constitution; Subjective processes; Identity

Resumen

La bisexualidad psíquica en la constitución del sujeto: sobre sus orígenes y destinos identitarios

El presente trabajo propone una comprensión de la bisexualidad psíquica en el curso del desarrollo psicosexual, con el objetivo de investigar cómo ese fenómeno se inscribe en los orígenes de la vida psíquica y modela los destinos identitarios del sujeto. Las autoras desarrollan la idea de que la bisexualidad se inscribe en

el psiquismo originario por la acción del objeto y participa de los procesos de subjetivación y de reconocimiento de la diferencia, así como de sus impasses. Se introducen aspectos teóricos de la concepción freudiana del aparato psíquico y de los modelos de Bion y Green sobre la formación de los primeros rasgos del psiquismo, destacando el papel del objeto. En seguida se tratan de las formas de la bissexualidad en los tiempos del pre genital, de la travesía edípica y del genital adulto, propuestas por estudios contemporáneos. Rescatan la proposición de Green de la figura del tercero, que posibilita la inscripción de una escena primitiva inaugural y abre el camino para la organización de la bissexualidad. En fin, presentan argumentos teóricos para sostener que la bissexualidad, en su doble referencia al masculino y al femenino, no debe ser vista como una confusión de sexos, sino como un ordenador de los procesos subjetivos que posibilita la coexistencia de dos en el psiquismo, en sus configuraciones individuales y plurales.

Palabras clave: Bissexualidad psíquica; Diferencia; Femenino; Masculino; Constitución psíquica; Subjetivación; Identidad

Referências

- Andrade, C. D. (1981). A paixão medida. In C. D. Andrade, *A paixão medida*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- Beetschen, A. (2016). Um tourment de la bisexualité : la jalousie. *Le Carnet PSY* 2016/2, 196, 25-29. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-25.htm>
- Bion, W. (1962). *O aprender com a experiência*. (P. D. Corrêa, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Bion, W. (1963). *Elementos de psicanálise*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Bion, W. (1970). *Atenção e interpretação*. (P. C. Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Bokanowski, T. (1997). La bisexualité en travail dans la cure (A propos du « féminin » chez l'homme ». In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), *Bisexualité. Monographies de psychanalyse* (pp. 111-130). doi: 10.3917/puf.finea.1997.01.0111
- Candi, T. S. (2010). *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta.
- Carneiro, C. A. (2017). *Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Brasília, DF: UnB.
- Chabert, C. (2015). *Père ou Mère ? Entre bisexualité psychique et différence des sexes*. Simpósio conduzido no encontro de Le Carnet PSY e PCPP, Paris.
- Chabert, C. (2016). Dis-moi qui tu préfères ? *Le Carnet PSY* 2016/2, 196, 20-24. Disponível em <http://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2016-2-page-20.htm>

- Chuster, A. (2014). *W. R. Bion: a obra complexa*. (Arnaldo Chuster, Gustavo Soares e Renato Trachtenberg). Porto Alegre: Sulina.
- David, C. (1992). *La bisexualité psychique*. Paris : Éditions Payot.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1905a). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1909). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 9). São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1914). Introdução ao narcisismo. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1923). O Eu e o Id. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1940[1938]). Esboço de psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Glocher Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Glocher Fiorini, L. (2017). Novas configurações familiares: funções materna e paterna. In C. S. Holovko & C. M. Cortezzi (Orgs.), *Sexualidades e gênero: desafios da psicanálise* (pp. 81-92). São Paulo: Blucher.
- Green, A. (1973). O gênero neutro. In A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- Green, A. (1978). O espaço potencial na psicanálise. O objeto no contexto. In A. Green, *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- Green, A. (1980). A mãe morta. In A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- Green, A. (1988). *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1993). *O trabalho do negativo*. (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Green, A. (1997). A intuição do negativo em *O brincar e a realidade*. *Int. J. Psycho-Anal*, 78, 1071-1084. *Livro Anual de Psicanálise*, 13, 239-251.
- Green, A. (2000). A mente primordial e o trabalho do negativo. *Livro Anual de Psicanálise*, 14, 133-148.

- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. (P. C. Sandler, Org.). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP Depto. de Publicações.
- Guillaume, J.-C. (2005). Continente-contido. In A. Mijolla (Ed.), *Dicionário Internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* (pp. 702-704). Rio de Janeiro: Imago.
- Haber, M. (1997). Identité, bisexualité psychique et narcissisme. In A. Fine, D. Le Bouef, & A. Le Guen (Eds.), *Bisexualité. Monographies de psychanalyse* (pp. 49-68).
- Lacan J. (1956-1957). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- Lacan, J. (1954). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. (B. Milan, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- Masson, J. (Ed.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- McDougall, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Miller, P. (2002). Formes élémentaires de la bisexualité psychique. *Topique* 2002/1, 78, 7-19.
- Mitchell, J. (2018). Foreword. In R. Perelberg [Autor], *Psychic Bisexuality: a British-French dialogue*. Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Perelberg, R. (2018). *Psychic Bisexuality: a British-French dialogue*. Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge.
- Queirós, B. C. (2011). *Vermelho amargo*. São Paulo: Cosac Naify.
- Roussillon, R. (2004). La dépendance primitive et l'homosexualité primaire « en double ». *Revue française de psychanalyse*, 68 (2): 421-439.
- Schaeffer, J. (2002). Bisexualité et différence des sexes dans la cure. *Topique* 2002/1, 78: 21-32.
- Stoller, R. (1993). *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*. (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Urribarri, F. (2012). André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. *Jornal de psicanálise*, 45(82): 143-159.
- Winnicott, D. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Winnicott, D. (1967) O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 29/06/2018

Aceito em 15/08/2018

Revisão gramatical **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

Cláudia Aparecida Carneiro

SHIS QI 09, Bloco E-2, sala 309

71625-176 – Brasília, DF – Brasil

e-mail: claudiacarneiro@hotmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini

Universidade de Brasília – Depto. Psicologia Clínica

Laboratório de Psicanálise, Subjetivação e Cultura

Campus Darcy Ribeiro

70910-900 – Brasília, DF – Brasil

e-mail: elianarl@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA